NOSSO ESPECIAL AMIGO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO CRISTÓVÃO COLON
"EDIÇÃO PÚBLICA"

www.colon-portugues.blogspot.com
e-mail: assoc.cristovaocolon@gmail.com
Sede: Largo Cristóvão Colon, 7940-170 CUBA

2022 – MARÇO (Nº 20)

NOTA DE ABERTURA

Este é o segundo número da "Edição Pública" do Nosso Especial Amigo - Boletim da Associação Cristóvão Colon que se dedica a divulgar o contraditório às 'provas' elencadas no livro «Cristóvão Colombo, o Genovês, meu tio por afinidade» da autoria de Luís Filipe Ferreira Reis Thomaz, que simplificadamente designaremos, ao longo do texto, por Prof. Luís Filipe Thomaz.

Todos os que desejaram acompanhar mais regularmente este processo, tiveram a oportunidade de participar nas onze sessões semanais on-line via Zoom, de Debate aberto, onde foram analisadas todas as alegadas 'provas' sobre o Colombo tecelão genovês, que se iniciaram em 27 de Novembro e terminaram em 26 de Fevereiro
No nosso blogue temos publicado, quase diariamente e sequencialmente os textos das 'provas' e do seu contraditório, abordadas nas sessões on-line, o que também se concluirá nos próximos dias.

colon-portugues.blogspot.com

EFEMÉRIDE

Assinalamos também, por estes dias, um período muito relevante da vida do Almirante Colon. Em Março de 1493, quando deveria regressar triunfalmente para Castela, onde o esperaria um conjunto de honrarias, o reconhecimento dos cargos de Vice-Rei, Governador e Almirante, o acrescentamento do brasão de armas e o início da preparação para a segunda viagem às 'Índias', Colon desviou o seu rumo e veio relatar ao Rei D. João II, em

primeira mão, tudo aquilo que encontrara. Em Portugal se demorou uma dezena de dias e só depois seguiu para Castela, regressando a Palos de la Frontera, de onde tinha partido em 3 de Agosto de 1492.

Até hoje os apoiantes da teoria genovista, apesar de estar documentalmente demonstrado que o rumo seguido pelo Almirante desde os Açores o trazia directamente para Lisboa, continuam a aceitar que o desvio foi devido a uma tempestade.

Carlos Calado

Análise crítica ao livro do Prof. Luís Filipe Thomaz «Cristóvão Colombo, o Genovês, meu tio por afinidade»

Lisboa, Academia de Marinha, 2021, 932 páginas

(Continuação)

'Prova' {11} - pág. 85:

Escrevendo c. 1535 Gonzalo Fernández de Oviedo equaciona bem o problema:

fué natural de la província de Liguria, que es en Italia, en la cual cae la cibdad e señoria de Génova; unos dicen que de Saona, e otros de un pequeno lugar o villaje, dicho Nervi ... y por más cierto se tiene que fué natural de un lugar dicho Cugurei {11}

ACC:

A menção a tantas hipotéticas localidades (Nervi, Cugureo, Bugiasco, Génova, Savona, Piacenza, Milão e outras) para naturalidade do Almirante reforça que se tratava de um boato e não de uma certeza factual, como apontámos em resposta à 'prova' {6}.

Localidade onde houvesse Colombos tornava-se quase automaticamente candidata a ser o berço do Colombo tecelão.

'Provas' {12} e {13} - pág. 86:

Os dois únicos cronistas portugueses que conheceram pessoalmente o descobridor, Rui de Pina {12} e Garcia de Resende {13}, dizem-no simplesmente "italiano"…

ACC:

Para contrariar os argumentos de que os cronistas se limitaram a copiar uns aos outros, o Prof. Thomaz invoca que a primeira crónica do Novo Mundo a circular impressa foram as décadas *De Orbe Novo* de Pedro Mártir de Angléria, em latim, publicadas em 1511, seguindo-se a crónica de Gonzalo Fernández de Oviedo em Sevilha, 1535.

Afirma que Garcia de Resende copiou Rui de Pina mas que nenhum dos dois cronistas portugueses dá mostras de ter conhecido Angléria e muito menos Oviedo, porque Pina faleceu antes da publicação de Oviedo e Resende logo depois. Naturalmente que o autor se refere a terem conhecido as obras e não os respectivos autores. O Prof. Thomaz não afirma que Rui de Pina não teve conhecimento das décadas de Angléria, mas apenas que não dá mostras de ter conhecido, o que não é bem a mesma coisa. No entanto, o Prof. Thomaz afirma deixar de lado a brochura da carta a Santángel, de que falará mais tarde segundo diz. A seu tempo veremos como o fará, mas desde já destacamos que é à difusão dessa brochura que muito se deve a propagação do boato.

Aliás, o Prof. Thomaz não especifica em que condições teriam os dois cronistas portugueses conhecido o Almirante, e que apenas se referiram ao episódio da sua vinda a Lisboa em 1493 e ao seu encontro com D. João II. Nada escreveram sobre o seu passado, que segundo outros teria envolvido a proposta do projecto de navegação para Ocidente ao Rei português, nem sobre o seu casamento em Portugal, nem sequer sobre a visita do Almirante à Rainha no Convento de Santo António da Castanheira, a pedido desta, após o encontro do navegador com D. João II. Limitou-se Rui de Pina, portanto, a mencionar um acontecimento, no qual não há indicação de que tenha estado presente, tendo descoberto que o protagonista era italiano, embora falasse em castelhano/português. O relato de Rui de Pina, que se sabe ter sido preparado uns anos depois, acaba por demonstrar que não assistiu aos acontecimentos, pois menciona que o Almirante arribou ao Restelo no dia 6 de Março, quando tal aconteceu no dia 4 e que vinha do descobrimento das ilhas de Cipango e d'Antília, descrição esta que remete para a carta de Toscanelli a Fernão Martins em 1474, a que Colon teve acesso e não ao que o Almirante afirmava no seu regresso em 1493.

'Provas' {14}, {15}, {16}, {17}, {18}, {19} e {20} - pág. 87:

Francisco López de Gómara (1511-66) di-lo nado em Nervi {14}, e para Nervi aponta uma crónica turca "História da Índia Ocidental ou Nova História" {15}, tal como Alonso de Santa Cruz (1505-67) {16}, Gonzalo Illescas (1521-74) {17} Esteban de Garibay(1533-67) {18} Juan de Castellanos (1522-1607 {19}. Pedro Cieza de León (1520-54) e várias testemunhas dos pleitos colombinos têm-no por natural de Savona {20}

ACC:

O problema da aceitação das afirmações de todos estes cronistas ou testemunhas como prova das origens do Almirante coloca-se exactamente nos mesmos termos: nenhum deles conheceu ambas as fases da vida do Almirante, isto é, depois da 1ª viagem e antes da sua alegada chegada a Portugal, ou na sua juventude. Não podem, em tais circunstâncias,

asseverar que o Almirante era a mesma pessoa que o Colombo tecelão, nem sequer que era genovês. Limitam-se, de facto, a repetir o que antes já constava. Note-se bem que todos eles, à excepção de Santa Cruz que nasceu no ano anterior, nasceram já depois de o Almirante ter falecido.

'Prova' {21} - pág. 104:
Segundo o testemunho de Michele de Cuneo de Savona, amigo de sua família e seu companheiro na segunda viagem ao Novo Mundo, Colombo era um navegante exímio mas empírico, dotado de grande intuição náutica ...
"desde que Génova é Génova {21} não nasceu homem tão magnânimo e agudo na arte de navegar como o dito senhor Almirante ..."

ACC:

É simplesmente especulativa a afirmação de que Cuneo era amigo da família do Almirante.

Na pág. 483 do livro, o Prof. Thomaz escreve o seguinte:

"Quanto a Michele da Cuneo, parece que durante os preparativos para a viagem, Colombo lhe mandara convite para que o acompanhasse. A família Da Cuneo, estabelecida em Savona, tornara-se assaz influente na política local, vindo em 1557 a receber armas de nobreza e a ser inscrita no Libro d'Oro, registo da ordem da nobreza savonense. Embora se não possa inteiramente excluir que, como aventa Juan Gil, Michele fosse filho de um Simone da Cuneo, laneiro em Savona (que em 1470 figura com Domenico, pai de Cristóvão, entre os patrões que aprovaram uma tabela salarial para os operários da indústria têxtil da cidade), parece-nos mais provável que, como opinam os compiladores da Raccolta Colombiana e António Núñez Jiménez, fosse filho de Corrado da Cuneo, rico comerciante de tecidos e membro do Conselho dos Anciãos de Savona, e isto pela seguinte razão: Corrado vendera em 1474 a Domenico Colombo dois terrenos em Legine, por 250 libras, que o tecelão deveria pagar em peças de fazenda no prazo de cinco anos; já em más condições financeiras, Domenico não saldou a dívida, mas Corrado, magnanimamente, deixou-o até à morte na posse da propriedade, que o pai do achador do Novo Mundo pôde assim arrendar a terceiros em 1481 por ato notarial… Foi certamente por se sentir moralmente em dívida para com a família Da Cuneo que Cristóvão Colombo convidou Michele a acompanhá-lo na sua expedição de 1493, de que poderia retirar bons lucros e, de certo modo, compensar-se assim da insolvência de Domenico."

Portanto, neste assunto, ao Prof. Thomaz <u>parece</u> que Colombo convidou Michele da Cuneo e <u>parece-lhe</u> mais provável que este Michele fosse filho do rico comerciante Corrado.

Ora vejamos primeiro o que consta nesse tal acto notarial de 1470 que envolve os 'patrões' laneiros:

Genova, 28 novembre 1470.
I consoli dei tessitori di pannilani in Genova, per deliberazione dei maestri dell' arte, fra i quali é Domenico Colombo, si commettono in alcuni di essi maestri acció stabiliscano i prezzi giusta i quali dovranno essere rimunerati i loro lavori.

Poderá haver alguma relação de conhecimento entre um tecelão de nome Simon de Cunio e o tecelão Dominicus de Columbo. De facto, ambos os nomes figuram, juntamente com cerca de cento e noventa artesãos, representados por sete outros deles, que assumem perante dois cônsules da corporação, num acto notarial de 28 de Novembro de 1470 (*Raccolta Colombiana*, Parte II, Vol. I, doc. XXXV), a aceitação de um convénio remuneratório dos tecelões de Génova.

Não há nenhuma indicação de que Simon de Cunio seja laneiro de Savona, mas sim de Génova.

Quanto à outra hipótese, de Michele ser filho do rico comerciante Corrado, veja-se o que consta na documentação invocada:

Savona, 19 agosto 1474
Domenico Colombo compra due pezze di terra in Legine, nella contrada di Valcalda.
[IULIUS SALINERIUS, *Annotationes ad Cornelium Tacitum,* Genuae, apud Iosephum Pavone, 1602, p. 342.]
MCCCCLXXIIII. indictione séptima, die . xviiii. augusti.

SEIUS civis Saone, sponte et eius certa scientia, per se et suos heredes, titulo et ex causa venditionis, iure proprio et in perpetuum dedit, vendidit ac tradidit seu quasi Dominico de Columbo de Quinto Ianue, lanerio, habitatori Saone, presenti, ementi et acquirenti per se et heredes suos, petiam unam terre vineate, campive et arborate ac boschive, cum una domo supraposita, sitam in villa Legini, in contrata Valcade; cui coherent ab una parte heredes quondam Georgii de Merualdo…
ítem aliam petiam terre vineate et campive et arborate, boschive a parte inferiori, sitam in dicta villa et contrata; cui coherent ab una parte dicta petia terre, ab alia heredes quondam Iohannis da Bene,…
(*Raccolta Colombiana*,Parte II, Vol. I, doc. LVI)

Ou seja, Dominico de Columbo compra duas parcelas de terreno, confinantes entre si, em Legine, a um cidadão de Savona, de nome Seius.

Não foi encontrado o original deste acto notarial. O texto inserto na *Raccolta* chegou ao conhecimento por ter sido publicado por Julius Salinerius em 1602.

Num exemplar do livro de Salinerius, conservado na Biblioteca Cívica de Savona, encontra-se na margem uma anotação manuscrita referindo que este Seius é Conradus de Cuneo.

O acto notarial de arrendamento a terceiros da propriedade comprada por Domenico a Corrado da Cuneo também não foi encontrado.

Savona, 17 agosto 1481.
«Domenico Colombo, laniere, cittadino di Genova, presentemente abitante in Savona, affitta a Giovanni Picasso quondam Odino una sua villa in Valcalda ».
[Negli atti del notaro Ansaldo Basso.]
Indicato dai BELLORO, *Notizia* &c. p.10 , e *Revista critica* &c. p. 60 , come a rogito di Ansaldo Basso, non si é potuto trovare.
(*Raccolta Colombiana*,Parte II, Vol. I, doc. LXVI)

Tudo indica que o único documento original que inclui simultaneamente Dominico de Columbo e Corradus de Cunio é o seguinte:

Savona, 19 agosto 1474.
«Bartolomeo Viano, canónico della cattedrale di Savona, da in enfiteusi a Domenico Colombo una terra con casa nella villa di Legine, in contrada di Valcalda.»
[Archivio capitulare del Duomo di Savona, *Libro delle prebende canonicali,* cartaceo sec. xv, c. 217 A .]

Em que o cónego de Savona transfere para Dominico de Columbo o contrato de enfiteuse que mantinha com Conradus da Cunio. Ou seja, não existe uma ligação directa entre Columbo e Da Cunio.
(*Raccolta Colombiana*,Parte II, Vol. I, doc. LVIII)

ADENDA: Em nota a esta publicação na Raccolta refere-se que este documento está indicado confusamente por BELLORO, juntamente com os dois anteriores (compra por Domenico e reconhecimento da dívida).
Consultada a obra *Annotationes* de Julius Salinerius onde se descrevem os actos notariais da compra das parcelas de terreno, verifica-se que também neste contrato de enfiteuse a Domenico, se refere que anteriormente era seu titular o cidadão Seius.
Ou seja, não existe nada referente a Corrado de Cuneo.

Como se percebe, não tem qualquer substrato documental coevo a afirmação de que Michele da Cuneo era amigo da família Colombo, muito menos que o era da família do Almirante.
O mesmo acontece com a argumentação para a presença de Michele da Cuneo na segunda viagem: Domenico Colombo não tem nenhuma dívida para com Corrado, não havendo razão para que o Almirante, caso fosse o Cristoforo Colombo filho de Domenico, convidasse Michel para assim o compensar.
Estudos recentes, publicados por Gabriella Airaldi em *Dizionario Biografico degli Italiani*, registam que Michele era filho de Corrado de Cuneo, sendo detalhada a família alargada e as actividades a que se dedicavam, mas para a afirmada amizade entre Michelle e o Almirante (Colombo na sua visão), o que se invoca é a gentileza do Almirante para com Michelle, permitindo-lhe atribuir o nome a um cabo e a uma ilha (Saona) que primeiro avistou. Quanto a ter-lhe oferecido essa ilha, como Michele relata na sua carta-relação dirigida a Gerolamo Aimari, publicada por Juan Gil & Consuelo Varela em *Cartas de particulares a Colón y Relaciones coetáneas*, não pode entender-se no sentido literal pois o

Almirante não tinha esses poderes; as terras descobertas ou conquistadas eram-no em nome dos Reis Católicos, e nem o Almirante tinha direito à posse de alguma.

Também a forma reverencial como Michele da Cuneo, se refere ao Senhor Almirante não indica que houvesse qualquer relação de amizade entre eles.

Quanto ao testemunho de Michele que o Prof. Thomaz considera a prova {21}, a frase não significa necessariamente que o Almirante nasceu em Génova. Apenas manifesta que em Génova, terra de marinheiros, nunca nasceu alguém tão magnânimo e agudo na arte de navegar como o Almirante.

'Prova' {22} - pág. 108:

Já na primeira metade do séc. XVI o cosmógrafo Jerónimo Girava (c. 149x-1556) o descrevia como *Christóval Colón, genoves, gran Marinero y mediocre cosmógrafo {22}*

ACC:

O problema da aceitação da afirmação deste cosmógrafo como prova das origens do Almirante coloca-se exactamente nos mesmos termos que já foram referidos anteriormente: não conheceu ambas as fases da vida do Almirante, isto é, depois da 1ª viagem e antes da sua alegada chegada a Portugal, ou na sua juventude. Não pode, em tais circunstâncias, asseverar que o Almirante era a mesma pessoa que o Colombo tecelão, nem sequer que era genovês. Limita-se, de facto, a repetir o que antes já constava. Note-se bem que seria ainda uma criança quando o Almirante efectuou as suas viagens.

Considerando que "*Se decantó a favor del sistema astronómico geocéntrico y no el heliocéntrico, considerando que cuando publicó la Cosmographia sólo hacía trece años (1543) que Copérnico había publicado la nueva teoría, y el dictamen desfavorable de la Iglesia aconsejaba a los científicos mucha prudencia."* (in Wikipedia) o valor do seu testemunho será igual ao valor científico do sistema geocêntrico que defendia.

'Prova' {23} - págs. 108-109:

Não é impossível que na sua formação tenha influído o mester de livreiro que terá exercido durante os seus primeiros tempos em Castela como o dá a entender Andrés Bernáldez, que foi de 1487 a 1513 cura de Los Palacios, junto a Sevilha:

ovo un hombre de tierra de Génova, mercader de libros de estampa, que trataba en esta tiera de Andalucia, que llamaban de Christobal Colon, hombre de muy alto injenio sin saber muchas letras, muy diestro de la arte de Cosmographia é del repartir del mundo ... {23}

ACC: No mesmo capítulo cxviii e logo após a frase invocada pel Prof. Thomaz, Andrés Bernáldez descreve os acontecimentos até à partida para a primeira viagem. A falta de rigor

que ali demonstra permite pôr em causa o conhecimento com que escreveu sobre a origem do Almirante e quiçá sobre a sua actividade de mercador de livros de estampa.

"… asi que Christoval Colon se vino a la corte del Rey D. Fernando, e la Reyna D.ª Isabel, e les fizo relación de su imaginacioni al qual tampoco no daban mucho crédito, e.el les platicó, e dijo ser cierto lo que les decia, e les enseñó el Mapa-Mundi, de manera pue les puso en deseo el saber de aquellas tierras, e dejando a él llamaron hombres sabios Astrólogos, e astrónomos, e hombres de la corte de la Cosmografia, de quien se informaron, ***e la opinión, de los mas de ellos oida la plática de Christoval Colon, fué, que decía verdad,*** *de manera que el Rey e la Reyna se afirmaran a él, e le mandaron dar tres Navies en Sevilla vaslecidos por él tiempo que él pidió de genle, de vitualla, e lo embiaron en el nombre de Dios, e de Nuestra Señora a descubrir el qual partió de Palos en el mes de* ***Septiembre*** *de 1492,* ***e tomó su viage por el mar adelante a las islas de Cavoberde …"***
(BERNÁLDEZ, Andrés de – *Historia de los Reyes Católicos Don Fernando y Doña Isabel, cap. cxviii*)

'Prova' {24} - pág. 148:
Inversamente, cabe perguntar: se Colombo não era genovês, que andava ele a fazer em Xio? infringindo o estanco da almécega?

ACC:
Como o autor afirma na pág. 147:
"nenhum documento conhecido refere nominalmente a presença de Colombo em qualquer das duas expedições de 1474-75 sendo possível que haja navegado para Xío (Chios) na expedição comercial que zarpou de Savona (onde os Colombos residiam desde c. 1470) a 25 de Maio de 1474 … mas o seu nome não consta do rol da tripulação nem de uma nem de outra (embarcação), onde pode contudo ter embarcado como passageiro, mercador, agente comercial ou mesmo barbeiro e não como marinheiro. Outra hipótese é ter partido na expedição imediata, que largou de Génova em Setembro seguinte, transportando reforços para a ilha, ameaçada pelos Otomanos."

Coitado do Colombo, qualquer profissão lhe pode ser colada para justificar a sua 'clandestinidade' nos registos onde era suposto figurar.

Na verdade o Almirante menciona que viu árvores de almécega na ilha de Xío, mas quer a frase em que se insere essa afirmação, quer todo o parágrafo, permitem admitir que se tratou apenas de uma bazófia para que os Reis considerassem que ele descobrira terras muito valiosas para a Coroa. Invoca Plínio para a descrição das árvores e dos seus frutos antes de dizer que as viu em Xío, e seguidamente valoriza também a existência de algodão nas novas terras descobertas:

"… y en este río de Mares, de donde partí esta noche, sin duda hay grandísima cantidad de almáciga y mayor si mayor se quisiere hacer, porque los mismos árboles plantándolos prenden de ligero y hay muchos y muy grandes y tienen la hoja como lentisco y el fruto, salvo que es mayor, así los árboles como la hoja, como dice Plinio, y yo he visto en la isla de Xío, en el Archipiélago,…"

"… Y también aquí se habría grande suma de algodón y creo que se vendería muy bien acá sin le llevar a España, salvo a las grandes ciudades del Gran Can que se des cubrirán sin duda y otras muchas de otros señores que habrán en dicha servir a Vuestras Altezas, y adonde se les darán de otras cosas de España y de las tierras de Oriente, pues éstas son a nos en Poniente…."

Também não é de excluir a hipótese de o Almirante ter estado efectivamente em Xío, na sua actividade como corsário, que se regista desde o início dessa década, ou mesmo no comércio de açúcar da Madeira numa fase da sua vida, pois Xio era um entreposto que recebia açúcar da Madeira.
Deve ainda ter-se em linha de conta que a sua correspondência com Toscanelli aponta para a sua presença em Portugal já antes das expedições a Xío mencionadas pelo autor.
Seguindo a mesma linha de raciocínio queo Prof. Thomaz, poderia então perguntar-se, se o Almirante não era português o que estava ele a fazer com D. João II quando este recebeu os importantíssimos relatos de Mestre José Vizinho em 1485 ou de Bartolomeu Dias em 1488? A infringir os segredos estratégicos da Coroa Portuguesa?

Textos com o Contraditório a todas as alegadas 'provas' em:

colon-portugues.blogspot.com